

## CONCEPÇÃO DA EMPATIA EM *POSTS* PUBLICADOS NO *INSTAGRAM* DE JOVENS E ADULTOS AUTISTAS

Mickaelle Fernandes Cordeiro <sup>1</sup>  
Maria Gabriela Vicente Soares <sup>2</sup>  
Kethelyn Lay Basílio Nunes de Brito <sup>3</sup>  
Wesley Alves de Araújo <sup>4</sup>  
Maria Edna Silva de Alexandre <sup>5</sup>  
Lilian Kelly de Souza Galvão <sup>6</sup>

### RESUMO

Os estudos sobre a empatia têm crescido nos últimos anos. Entretanto, poucas são as pesquisas que enfocam a empatia em pessoas neurodiversas, especialmente nas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por esse transtorno trazer como principal característica os déficits na comunicação e interação social, inicialmente estudiosos acreditavam que os autistas não tinham empatia. Contudo, pesquisas atuais não corroboram com essa afirmação. Mas, o que pensam os próprios autistas a respeito da empatia? Para responder essa indagação, analisou-se, no presente trabalho, os relatos publicados no Instagram de jovens e adultos autistas sobre a variável empatia. Trata-se de uma pesquisa de análise documental, na qual foram submetidas à Análise de Conteúdo de Bardin as publicações de 27 perfis, coletadas entre o período de janeiro a dezembro de 2021. Com a colaboração de três juízes, o material foi sistematizado em três categorias: Sentimentos empáticos de pessoas autistas; Dificuldades na interpretação de sentimentos e na socialização; e Mais empatia pelos autistas. Os resultados da análise dessas categorias revelaram que nos posts publicados pelos autistas há a menção de que eles sentem empatia, porém podem expressá-la de forma diferente. Também há citação de que muitos podem ter dificuldades para interpretar os sentimentos do outro e para socializar, mas que isso não anula o sentimento empático. Ainda, há relatos que defendem que os autistas precisam ser tratados de forma empática. Espera-se que esse estudo possa colaborar com a ampliação do conhecimento sobre a empatia e com a quebra do estigma de que autistas não sentem empatia.

**Palavras-chave:** Empatia, Autismo, Análise de conteúdo, Instagram.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [mickaelle2016fernandes@gmail.com](mailto:mickaelle2016fernandes@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [psicop.mabi@gmail.com](mailto:psicop.mabi@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [kethelynlav15@gmail.com](mailto:kethelynlav15@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [weslleyaaraujo@gmail.com](mailto:weslleyaaraujo@gmail.com);

<sup>5</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [psicologasocialedna@gmail.com](mailto:psicologasocialedna@gmail.com);

<sup>6</sup> Professora orientadora: doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e docente do curso de Psicopedagogia da UFPB, [lilian.galvao@academico.ufpb.br](mailto:lilian.galvao@academico.ufpb.br).

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o estudo sobre empatia vem demonstrando um crescente aumento, em que pesquisadores têm se debruçado na busca pela compreensão de como acontece o desenvolvimento dessa capacidade e como as variáveis que estão envolvidas nesse processo se relacionam. Algumas dessas pesquisas apresentam fundamentos empíricos acerca do importante papel da empatia para a vida em sociedade, pois ela pode se relacionar com o altruísmo (AMORIM; SAMPAIO; CABRAL, 2018), à melhora nas relações interpessoais (CECCONELLO; KOLLER, 2000; WARDEN; MACKINNON, 2003), a avanços no julgamento moral (GALVÃO, 2010), ao desenvolvimento da justiça distributiva (SAMPALIO; MONTE; CAMINO; ROAZZI, 2008), à promoção de uma maior preocupação com o outro (HASTINGS; ZAHN-WALER; ROBINSON; USHER; BRIDGES, 2000), à redução de comportamentos agressivos (MORENO; FERNÁNDEZ, 2011) e de práticas de bullying (HERNÁNDEZ; NORIEGA; QUINTANA, 2019; ZYCH; TTOFI; FARRINGTON, 2019) e à baixa adesão ao racismo (BEZERRA; SANTOS; FERNANDES, 2018).

A palavra empatia tem sua origem no termo grego “*empathia*” que significa “paixão”, que pressupõe uma comunicação afetiva com outra pessoa, e também é um dos fundamentos da identificação e compreensão psicológica de outros indivíduos. Segundo Hoffman (1984; 1989), uma forma de definir a empatia é considerando-a como sendo a capacidade que um indivíduo tem de se sensibilizar com a dor do outro, de maneira que se coloca em seu lugar, inferindo seus sentimentos e dando uma resposta afetiva mais adequada para a situação do outro do que para sua própria situação, manifestando assim reações que expressam essa compreensão. Nesta perspectiva, Hoffman (2003) é considerado um autor que vê a empatia como sendo um fenômeno multidimensional, que engloba componentes cognitivos (*role-taking*), afetivos (sensibilização empática) e comportamentais (motivação para ajudar).

Hoffman (2003) também defende que a empatia tem início na infância e pode avançar em níveis mais sofisticados com aumento da idade, sendo ela sujeita a aprendizagem natural e também formal. Dessa forma, pesquisadores têm criado modelos de intervenção que promovam essa habilidade por meio da aprendizagem formal (GALVÃO, 2010). Porém, dentre essas pesquisas, ainda são poucas as que abordam a empatia em pessoas neurodiversas (pessoas que têm o funcionamento neurocognitivo que não se enquadra nos padrões sociais dominantes, ou seja, tem desenvolvimento neurológico atípico), em especial na faixa de desenvolvimento jovem e adulta.

De acordo com o DSM-5 (2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) está incluso entre os transtornos do neurodesenvolvimento, e tem como critérios diagnósticos os déficits persistentes na comunicação e interação social, assim como também os padrões restritivos de comportamento. A sintomatologia desse transtorno está presente desde o início do desenvolvimento e perpassa até a vida adulta, de maneira que vem a afetar significativamente o funcionamento social, profissional e de outras áreas ao longo da vida do indivíduo.

Devido aos déficits na interação social, causado pelo TEA, a história do autismo durante muito tempo trouxe a afirmação de que os autistas não tinham empatia. Estudos abordaram essa proposta relacionando a falta de empatia a dificuldades apresentadas por crianças autistas na percepção das expressões faciais (JUNIOR et al., 1999) e também a possíveis anormalidades do neurônio espelho (DAPRETTO et al., 2006). Contudo, atuais pesquisas têm demonstrado que o sistema de neurônios-espelho em crianças com TEA está intacto (FAN; DECETY; YANG; LIU; CHENG, 2010; PRESS; RICHARDSON; BIRD, 2010), o que significa dizer que o potencial para sentir empatia afetiva (ou contágio) está preservado.

Em um questionário de autorrelato, Jones et al. (2010) ao avaliar a empatia afetiva, não encontraram diferenças significativas entre crianças com desenvolvimento típico e crianças autistas. As crianças com TEA tiveram dificuldades em tarefas que demandam tomada de perspectiva cognitiva, mas demonstraram experiências emocionais e empatia afetiva com a vítima que estava em concordância com os participantes do grupo controle. E em consonância com esse estudo, também foram encontradas pontuações iguais em tarefas de empatia afetiva na pesquisa feita com adultos que tinham desenvolvimento típico e adultos com TEA (DZIOBEK et al., 2008).

A empatia cognitiva, entendida como a capacidade de utilizar-se do ponto de vista do outro, de forma que represente os seus pensamentos, intenções, crenças e conhecimentos, juntamente com a empatia afetiva, se relaciona a Teoria da Mente (ToM) (BLAIR, 2005), que diz respeito a capacidade de compreender ou prever o comportamento de outras pessoas com base nos desejos subjetivos dessa pessoa (GORDON, 1992). As pessoas com TEA são conhecidas por demonstrar dificuldades neste domínio, pontuando menos que as pessoas neurotípicas em itens de auto-relato que mensuram a compreensão das emoções dos outros (DZIOBEK et al., 2008; JONES et al., 2010). Ratificando essa diferenciação, a revisão da literatura feita por Roza e Guimarães (2021) indicou em seus resultados que o componente cognitivo no indivíduo com TEA pode ser reduzido, à medida que o afetivo apresenta déficits.

Ao contrário dessa explicação, de que há déficits nas habilidades de empatia cognitiva e na teoria da mente em pessoas autistas, na Espanha, autores têm levantado a hipótese que o autismo não se caracteriza por falta de empatia, mas sim por um excesso de sensibilidade perante as emoções dos outros (GARCIA-BLANCO et al., 2017). Os resultados destes estudos mostraram que os rostos com carga emocional captavam a atenção de todas as crianças, independentemente de serem ou não autistas. No entanto, quando as crianças autistas se mostraram capazes de exercer controle, preferiam evitar os rostos irritados, porque lhes causavam grande mal-estar.

De acordo com Souza (2022), outros estudos se contrapõem a esses resultados apresentados, pois outras variáveis podem influenciar as habilidades empáticas em pessoas com TEA. Como exemplo, pode-se citar as características que acompanham o transtorno, as dificuldades em se comunicar, interagir e socializar, assim como também as funções cognitivas que são necessárias para o aprimoramento dos níveis mais avançados da empatia. Essa revisão, porém, considerou o fato de que a literatura sobre a temática da empatia em autistas é recente e contraditória, que ainda necessita ser aprofundada para melhor embasamento.

Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é apresentar uma análise dos conteúdos publicados no *Instagram* por autistas brasileiros que tratam da variável empatia. Neste, buscou-se discutir a empatia em pessoas autistas, a partir de relatos pessoais de jovens e adultos autistas sobre seus sentimentos empáticos, que foram publicados em seus perfis no *Instagram*.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa utilizou-se da análise documental e da coleta de dados públicos de rede social (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), que permite explorar os dados de uma população em determinado contexto, neste caso, a população autista no *Instagram*, e descrever suas respectivas características, dentro da temática escolhida.

Para a coleta de dados, buscou-se no *Instagram* perfis de jovens e adultos autistas, brasileiros, que produziam conteúdos acerca do autismo. Para isso, foram usados descritores como “autismo”, “neurodiverso”, “autista”, “TEA”, “atípico” e “asperger”. Após a busca, realizou-se a filtragem dos perfis, dos quais foram descartados os que eram administrados por

peças não autistas, os infantis, os que tinham conta privada e os que não produziam conteúdo sobre autismo.

No total, 68 perfis foram considerados aptos para o processo de filtragem do conteúdo, sendo eles organizados em uma tabela padronizada em ordem decrescente, no que diz respeito à quantidade de seguidores de cada perfil, e identificados pelo código numérico que ocupava nessa ordem (Ex. 001, para o perfil com maior número de seguidores e 068 para o menor número de seguidores). Na formação do *corpus* de análise da pesquisa, o recorte temporal abrangeu o período de janeiro a dezembro de 2021, no qual as legendas de *posts* dos perfis selecionados foram transcritas na íntegra em arquivo Word, desconsiderando vídeos, *stories* e *reels*.

O *corpus* foi lido e analisado por três juízes que selecionaram apenas os perfis que continham publicações sobre empatia e construtos correlatos, como altruísmo e comportamento pró-social. Após essa filtragem, apenas 27 perfis foram incluídos para a realização da análise de conteúdo categorial.

A organização dos dados foi feita com base na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), que leva em conta descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que favorecem a reinterpretação das mensagens em um nível que busca exceder a leitura comum (MORAES, 1999). Desta forma, foi possível a formação de categorias temáticas construídas a partir da colaboração de juízes, que definiram a pertença dos conteúdos às categorias, com índice de concordância de, no mínimo, 2 para 1.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados nos perfis foram sistematizados em três categorias, denominadas respectivamente como: I- “Sentimentos empáticos de pessoas autistas”; II- “Dificuldades na interpretação de sentimentos e na socialização”; e III- “Empatia pelos autistas”.

Na categoria I, “Sentimentos empáticos de pessoas autistas”, foram reunidas as postagens que defendiam que os autistas sentem e expressam a empatia de forma diferente. Nela, foi possível observar trechos que declaram ser um mito a falta de empatia em pessoas com TEA e outros que caracterizam essa forma de sentir empatia, sendo eles baseados na experiência de vida dos próprios autistas.

Em algumas das publicações, os autistas corroboram com os estudos mais recentes, perfis como o nº 004 afirma que há “[...] uma diferença no processamento da empatia em

peças autistas, [...] um déficit na empatia cognitiva, mas não na afetiva”, defendendo assim, que essa ideia só é considerada quando interpretada de maneira equivocada. O perfil nº 056 reafirma essa percepção quando diz que “muita gente acredita que os autistas não têm empatia, mas isso não é verdade, o que acontece muitas vezes é uma dificuldade de gerenciar e demonstrar emoções”.

Ao buscar informar sobre essa interpretação equivocada, eles apresentam relatos que caracterizam a forma como sentem empatia, a fim de diminuir a concepção de que são pessoas “indiferentes”, “sem sentimentos”. A exemplo disso é possível citar o que diz o perfil nº 004:

“Além dessa diferença na empatia cognitiva, que implica em dificuldades de reconhecer as expectativas, sentimentos e intenções de alguém, muitos autistas demonstram seus sentimentos de uma forma diferente das pessoas que não são autistas. Eu, por exemplo, posso parecer indiferente com algo, quando na verdade estou extremamente preocupado.”

Ainda nesse sentido, em um de seus *posts* o perfil nº 017 expressa: “Eu demonstro meus sentimentos de forma diferente, mas não significa que não sinto. Tenho dificuldade em dizer oralmente a uma pessoa o que sinto por ela, então prefiro escrever, e é tão válido quanto.” Essa citação sinaliza que a diversidade que existe dentro do espectro, onde cada autista tem suas particularidades e pode demonstrar seus sentimentos diferentemente uns dos outros.

Muitos deles afirmam ter o contrário da ausência da empatia, é o que chamam de “hiperempatia”, que segundo o perfil nº 004 “faz com que esses autistas se envolvam intensamente, por exemplo, com o sofrimento de outras pessoas”. Esse excesso de sensibilidade empática, discutido por Garcia-Blanco et al. (2017), é confirmado no depoimento explicitado pela autora do perfil nº 056:

“Eu acredito que eu seja uma dessas pessoas hiper empáticas, pois me sensibilizo e me desregulo muito facilmente, o que combinado com minha dificuldade em entender o que os outros sentem, cria uma grande confusão.”

A categoria II, “Dificuldades na interpretação de sentimentos e na socialização”, abrangeu as postagens que afirmam que autistas podem ter dificuldades para interpretar o sentimento do outro e para se socializar, mas isso não significa que não sintam empatia. Essa categoria apresentou afirmações que demonstram que apesar das dificuldades na interpretação de sentimentos ou na socialização é possível observar habilidades empáticas nas pessoas com TEA.

Como exemplo dessa categoria pode-se mencionar as falas dos perfis nº 004 e nº 056, “Quando faço alguma brincadeira não sei identificar se a pessoa ficou com raiva ou não. [...] Essas nuances da comunicação são complexas demais. Meu cérebro autista fica todo perdido.” “Frequentemente me pego perdida em tentar interpretar as emoções alheias.” Ao analisar essa declaração, percebe-se que existe uma “confusão” nas informações captadas pelos autistas em relação aos sentimentos demonstrados por outras pessoas. Isso traz concordância com a discussão de que muitas pessoas com TEA podem ter dificuldades em habilidades cognitivas mais complexas que são necessárias para a interpretação das intenções do outro.

Referente a socialização, os relatos evidenciaram que as dificuldades na comunicação social, característica do TEA, pode trazer prejuízos na forma com que a interpretação dos sentimentos acontece. Entretanto, é relevante também considerar que existem críticas às convenções sociais da atual sociedade, ressaltadas no relato do autor do perfil nº 017:

“Às vezes é difícil identificar os sentimentos de outras pessoas, ainda mais porque, quase sempre, não são diretas e verdadeiras ao que realmente estão sentindo. Você pergunta se a pessoa está bem, e ela responde sim, seja por costume ou até mesmo por ser uma regra para iniciar um diálogo. Logo, você pensa que ela está realmente bem. Autistas têm dificuldades com sutilezas sociais, dificuldade em identificar essas pequenas mentiras na socialização. Não conseguimos demonstrar nosso apoio se não forem diretos e sinceros conosco. Às vezes não percebo que alguém está triste, por isso não dou o apoio necessário. Mas isso não significa que eu não tenha empatia.”

Já a última categoria (III), “Empatia pelos autistas”, nela foram incluídas postagens que levantaram a questão de que os autistas precisam ser tratados de forma empática e ser respeitados em sua forma diferente de existir, na qual há afirmações que mostram a empatia como uma capacidade importante para o respeito a diversidade do espectro.

Em seus *posts*, acerca da conscientização sobre o mito da falta de empatia em pessoas com TEA, os autistas demonstram que há falta de empatia na forma pela qual as pessoas com desenvolvimento típico lidam com o autismo. Como fala o perfil nº 007: “Os desafios de se viver em meio a um mundo caótico são muitos, mas as atitudes que se tem com relação ao autismo não precisam se somar a isso!”. Ratificam que: “[...] Olhar para o autismo com empatia é o caminho para reverter especulação em aprendizado. Preconceito em inclusão.”

O perfil nº 038 complementa: “Antes de dizer que autistas são insensíveis, dê atenção aos detalhes como nós damos e tente ver se somos nós que não demonstramos ou se você está deixando algo passar por já esperar um comportamento social pré definido.” Ademais, eles

pedem que haja respeito às limitações sociais que podem apresentar, nº 067: “Respeitem os autistas. Tenha empatia, respeite suas limitações sociais. Seja solidário!”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo indicam que há a necessidade de novas pesquisas sobre as nuances da empatia em pessoas autistas, visando ampliar a compreensão e dirimir as contradições em torno dessa temática. Este estudo, particularmente, buscou trazer a discussão sobre a empatia a partir da análise dos relatos de jovens e adultos autistas que divulgam em redes sociais conteúdos que conscientizam sobre as falsas especulações de que autistas não sentem empatia. Conforme o material analisado, há diferentes formas pelas quais os autistas sentem e expressam empatia, e que mesmo não seguindo os padrões comportamentais pré-estabelecidos pela sociedade, precisam ser respeitadas e consideradas de maneira empática, sabendo que o respeito à diversidade é um fator que pode contribuir para a compreensão das diferenças dentro do espectro. Espera-se, portanto, que essa pesquisa possa colaborar com a sistematização do conhecimento sobre a empatia e com a quebra do estigma de que autistas não sentem empatia.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, D. A. DE; SAMPAIO, R. L.; CABRAL, R. E. G. Altruism and empathy in situations involving unpredictable personal cost. **Ciências Psicológicas**, v. 12, n. 1, p. 7-15, 2018.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V**. 5ª. Artmed. 2014.
- BEZERRA, D. S.; SANTOS, F. O. P. DOS; FERNANDES, S. C. S. Relações entre julgamento moral, racismo e empatia em crianças. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 170, p. 1130-1147, 2018.
- BLAIR, R. Responding to the emotions of others: Dissociating forms of empathy through the study of typical and psychiatric populations. **Consciousness and Cognition**, v. 14, p. 698-718, 2005.

- CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 5, n.1, p 71-93, 2000.
- DAPRETTO, M.; DAVIES, M. S; PFEIFER, J. H.; SCOTT, A. A.; SIGMAN, M.; BOOKHEIMER, S. Y.; IACOBONI, M. Understanding emotions in others: Mirror neuron dysfunction in children with autism spectrum disorders. **Nature Neuroscience**, v. 9, p. 28–30, 2006.
- DZIOBEK, I.; ROGERS, K.; FLECK, S.; BAHNEMANN, M.; HEEKEREN, H. R.; WOLF, O. T.; CONVIT, A. Dissociation of cognitive and emotional empathy in adults with asperger syndrome using the multifaceted empathy test (MET). **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 38, p. 464–473, 2008.
- FAN, Y. T.; DECETY, J.; YANG, C. Y.; LIU, J. L.; CHENG, Y. W. Unbroken mirror neurons in autism spectrum disorders. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 51, p. 981–988, 2010.
- GALVÃO, L. K. S. Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 299, 2010.
- GARCÍA-BLANCO, A.; LÓPEZ-SOLER, C.; VENTO, M.; GARCÍA-BLANCO, M. C. GAGO, B., PEREA, M. Communication deficits and avoidance of angry faces in children with autism spectrum disorder. **Res Dev Disabil.**, v. 62, p. 218-226. 2017.
- GORDON, R. M. The simulation theory: Objections and misconceptions. **Mind & Language**, v. 7, p. 11-34, 1992.
- HASTINGS, P. D.; ZAHN-WALER, C.; ROBINSON, J., USHER, B.; BRIDGES, D. The development of concern for others in children with behavior problems. **Developmental Psychology**, v. 36, n. 5, p. 531-546, 2000.
- HERNÁNDEZ, G. B.; NORIEGA, J. Á. V.; QUINTANA, J. T. Shame, Empathy, Coping and School Safety of the Bystanders in Situations of Bullying. **Trends in Psychology**, v. 27, n. 2, p. 357-369, 2019.
- HOFFMAN, M. L. Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N.; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Eds.). **Social and moral values: individual and societal perspectives**. p. 139-152, 1989.
- HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2003.

- JONES, A. P.; HAPPE, F. G. E.; GILBERT, F.; BURNETT, S.; VIDING, E. Feeling, caring, knowing: Different types of empathy deficit in boys with psychopathic tendencies and autism spectrum disorder. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 51, p. 1188–1197, 2010.
- JUNIOR, F. B. A.; SPROVIERI, M. H.; KUCZYNSK, E.; FARINHA, V. Reconhecimento Facial e Autismo. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 57, n. 4, p. 944-949, 1999.
- MORENO, J. E.; FERNÁNDEZ, C. Empatía y flexibilidad yoica, su relación con la agresividad y la prosocialidad. **Límite: Revista de Filosofía y Psicología**, v. 6, n. 23, p. 41-55, 2011.
- PRESS, C.; RICHARDSON, D.; BIRD, G. Intact imitation of emotional facial actions in autism spectrum conditions. **Neuropsychologia**, v. 48, p. 3291–3297, 2010.
- ROZA, S. A.; GUIMARÃES, S. R. K. Empatia Afetiva e Cognitiva no Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma Revisão Integrativa da Literatura. Bauru: **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, e0028, p.1053-1070, 2021.
- SAMPAIO, L. R.; MONTE, F. C.; CAMINO, C.; ROAZZI, A. Justiça distributiva e empatia em adolescentes do nordeste brasileiro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 2, n. 2, p. 275-282, 2008.
- SOUZA, E. F. C. **EMPATIA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E REFLEXÕES EMPÍRICAS**. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, Repositório UFPB, 2022.
- WARDEN, D.; MACKINNON, S. (2003). Prosocial children, bullies and victims: an investigation of their sociometric status, empathy and social problem-solving strategies. **British Journal of Developmental Psychology**, v. 21, p. 376-385, 2003.